

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Anilte de Lima Rodrigues

**O SAGRADO EM RUDOLF OTTO E MIRCEA ELIADE**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Dr. Humberto Araújo Quaglio de Souza.

Juiz de Fora  
2019

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **AMILTE DE LIMA RODRIGUES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201273122A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O SAGRADO EM RUDOLF OTTO E MIRCEA ELIADE**, desenvolvido durante o período de MARÇO DE 2019 a JULHO DE 2019 sob a orientação de HUMBERTO ARAÚJO QUAGLIO DE SOUZA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Amilte de Lima Rodrigues**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# O SAGRADO EM RUDOLF OTTO E MIRCEA ELIADE

Amilte de Lima Rodrigues<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho visa fazer uma comparação do tema “O Sagrado”, nas visões de Rudolf Otto e também sob o ponto de vista de Mircea Eliade, quanto à contribuição inegável, que ambos vieram acrescentar ao estudo do “Sagrado” que se apresenta em todas as religiões. Objetiva demonstrar a importância de ambos os autores na contribuição dos estudos do Sagrado presente em todas as religiões, e para tal, foi utilizado como método, a leitura e pesquisa bibliográfica principalmente dos livros “O Sagrado” de Rudolf Otto e “O Sagrado e o Profano” de Mircea Eliade. Portanto, é de suma importância as observações que ambos fizeram no sentido da atuação e manifestação do sagrado em diferentes regiões, bem como em diferentes credos. Partem de ponto de vista diferentes: enquanto Rudolf Otto caracteriza a religião como composta de elementos racionais e irracionais, em oposição ao que se propagava, ou seja, era reduzida a racionalidade e a moral, põe também em destaque os elementos irracionais aos quais se poderia chegar por analogias, por tratar-se de algo misterioso, apreensível pelos sentimentos do ser humano; Ao passo que, Eliade entende o sagrado como fenômeno, sendo que ele se manifesta nas hierofanias. Além disso, salienta que existem diferenças entre o homem religioso e o não religioso no tocante às experiências com o “sagrado”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sagrado. Fenômeno. Mircea Eliade. Numinoso. Rudolf Otto.

## 1. INTRODUÇÃO

Em discursos sobre o tema Ciência das Religiões se indaga sobre qual seria a base da “religião”. Dentre as respostas cita-se, que a mesma passa pelo medo, mas não pode ser reduzida a isto. Portanto, existe caracteristicamente o medo atrelado à religião, que significa mais uma necessidade do que o sentimento em si. Para Rudolf Otto o medo percebido não se trata de medo acovardado, ele é o medo da força que falta à pessoa. Destarte, nesse incurso vamos paulatinamente conhecer um pouco dos atributos do Sagrado, sob o ponto de vista deste ilustre autor, que é o Rudolf Otto.

Trata-se de um teólogo de renome internacional, publica sua obra “O Sagrado” (OTTO, 2017) em Masburg no ano de 1917, fato que contribui muito para transformar essa cidade na “Meca das Ciências da Religião” da Alemanha (BRANDT, 2017). Em sua obra, ele enfatiza sobretudo os elementos irracionais do numinoso, em polêmica ao iluminismo, que procura interpretá-lo como sendo expressão de metafísica, moral, ou evolução. Para ele a religião é inderivável, tendo seu início em si mesma, razão pela qual o Sagrado é categoria rigidamente “a priori”. Ele se utiliza de citações Kantianas para explicar o “a priori” - se às instituições: espaço e tempo e às formas do entendimento das quais a principal é a faculdade unificadora acrescentarmos as ideias transcendentais (ideia da alma do mundo e de Deus) - teremos o conjunto de formas apriorísticas, sem as quais tais coisas não poderiam ser pensadas. Essa é a essência da “Crítica da Razão Pura”. As formas do entendimento diferem das instituições puras, por serem essencialmente ativas. enquanto que as últimas são, segundo Kant receptivas acima de tudo (BENDA, 1952. p. 24.).

Kant sempre assegurou que acreditava na coisa -em si mesma- e assim se destacou, quando fez a exposição de sua opinião no capítulo da “Analítica Transcendental” intitulado - Da Base da Divisão de Todas as Coisas em Geral em Fenômenos e Numenos, inserido em sua obra máxima “Crítica da Razão Pura”. Nessa obra ele declara, que em contraste com Platão, para quem os fenômenos existem tanto quanto os numenos, adverte Otto, que só esses últimos têm existência, já que os fenômenos são apenas a aparência. Portanto, ele afirma que as coisas são mostradas para nós, refletidas no espírito. E além do mais, contrapõem nitidamente o seu idealismo transcendental, referindo-se ao idealismo transcendental, que supõe a existência da coisa em si mesma, as quais ele chama ironicamente de realismo transcendental, e neste, o tempo, o espaço e os objetos materiais seriam realidades (BENDA, 1952, p.25).

Ele também aplica o termo “numinoso” como categoria do “sagrado”, mas fala em dever “sagrado” ou da “santa lei”. Destarte, o vê como necessidade prática e sem caráter normativo geral. O “sagrado” é como um atributo moral, uma necessidade prática. Embora o termo abranja tudo isto ele subtende algo maior, pois o termo

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: amiltelmarodrigues@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Humberto Araújo Quaglio Souza.

que Rudolf Otto quer tratar em sua obra “O Sagrado” envolve muito mais fatores, posto que está vivo em todas as religiões (OTTO, 2017, p.38).

A autora Julien Benda (1952) relata na obra, a que é apresentada por ela, e intitula-se “O Pensamento vivo de Kant”, que lhe parece de imensa importância o trabalho de Kant, porque ressalta: que os conceitos de nossa mente haviam sido moldados dentro dos limites estabelecidos pela experiência, mas os mesmos são ilegitimamente usados a objetos, que estão essencialmente fora de tais limites, ou seja, a experiência de Deus, a realidade de uma substância espiritual, dentre outros (BENDA, 1952, p.26).

Partindo da análise de parte da obra de Rudolf Otto, especificamente dos capítulos 2, 3 e 4, vamos ter a noção do que sejam: “O numinoso”, “O sentimento de criatura”- como reflexo da numinosa sensação de ser objeto na autopercepção (aspectos do Numinoso I) e “Mysterium Tremendum” (Aspectos do Numinoso II) – Questiona-se: Mas o que é, como é, esse numinoso em si, objetivo sentido fora de mim?

## **2. “O SENTIMENTO DE CRIATURA” COMO REFLEXO DA NUMINOSA SENSÇÃO DE SER OBJETO NA AUTOPERCEÇÃO – NUMINOSO I**

Foi Schleiermacher, quem deu destaque a um elemento notável na experiência de arrebatamento da criatura, que é o sentimento de dependência, mas não se trata de uma dependência natural no sentido de insuficiência própria ou impotência à frente de certas circunstâncias, como supôs o autor. Mas, existe uma certa correlação analógica com aqueles sentimentos, embora só faça a diferenciação entre o absoluto e o relativo, quanto ao grau e não quanto à qualidade intrínseca. Portanto, ele não entende que o sentimento de dependência ao qual se refere não se trata de mera analogia do sentimento. Ele é originado na psique e só definido por si mesmo, é um sentimento confesso de dependência, que é qualitativamente diferente: é o “sentimento de criatura”, que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura. Ele é qualitativamente diferente do sentimento de dependência elencado por Schleiermacher, pois este diferencia os sentimentos de dependência quanto ao caráter de ser absoluto ou relativo em termos de grau e não se atenta à diferenciação intrínseca. (OTTO, 2017)

Essa relação trata-se de um sentimento confesso de dependência, que pode assim ser encontrado pelo nosso leitor em si próprio, mas que não dá para “se exprimir” por ser um dado fundamental, que é original na psique. E para elucidar o que foi dito ele cita um exemplo de sentimento confesso de dependência, que se encontra em Gênesis 18:27: “Abraão ousadamente fala com Deus sobre a sorte dos sodomitas: “Tomei a liberdade de falar contigo, eu que sou poeira e cinza” - demonstra além de aspectos de dependência, algo que é qualitativamente diferente, o qual “OTTO” denomina como sendo “sentimento de criatura” - sentimento que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima da criatura (OTTO, 2017, p.41). Esse sentimento não pode ser explicado pela razão - é uma qualidade inefável -, que no dicionário significa: “o que não se pode exprimir com palavras, e que também é encantador e inebriante”. Portanto, o termo não chega a explicar bem conceitualmente. Mas, não vem a significar o que foi dito pelo autor Schleiermacher, pois não é uma causa fora da criatura, pois este é somente um efeito colateral. Tanto que Otto afirma categoricamente, que além disso, o sentimento de criatura é também algo mais que somente, um efeito subjetivo semelhante a uma sombra de um elemento do sentimento, que é o receio, que indubitavelmente se deve em primeiro lugar, a um objeto fora de mim - criatura que vivencia a experiência -. Este sentimento experienciado, é justamente o objeto numinoso. Somente quando se vivencia a presença do “numem” como foi citado o que vivenciou Abraão, ou quando se sente algo, que tenha caráter numinoso, ou seja, somente pela aplicação da categoria do numinoso ao objeto real ou imaginário, é que o sentimento de criatura pode surgir como reflexo na “psique” (OTTO, 2017 p.42).

À diferença de Schleiermacher, procura-se agora aquele sentimento primário em si, ligado a um objeto, que, como acabamos de ver, é seguido na auto-percepção, pelo sentimento de criatura, como se fosse uma sombra daquele outro. E se encarmos o aspecto mais básico e profundo em cada sentimento forte de espiritualidade em que ele seja mais que fé na salvação, confiança, ou amor independente desses fenômenos, pode invadir também a nós com um poder que confunde os sentidos, ou se o acompanharmos com empatia e sintonia em outros ao nosso redor, nos fortes surtos de espiritualidade e suas manifestações no estado de espírito, no caráter solene dos cultos e ritos, num ambiente de igrejas, templos, prédios e monumentos religiosos, sugere-se a sensação do “mysterium tremendum”, do mistério arrepiante.

Portanto, em Schleiermacher não se encontra algo para vir a elucidar a noção do Sagrado, embora faça referência ao transcendente. Destarte, procede a crítica de Otto com relação ao ponto de vista de Schleiermacher, pois somente quando se vivencia a presença do nume, como no caso de Abraão, ou quando se sente algo que

tenha caráter numinoso, ou seja, somente pela aplicação da categoria do numinoso a um objeto real ou imaginário, é que o sentimento de criatura pode manifestar-se como reflexo na psique. Numa análise mais profunda da obra “O Sagrado”, de autoria de Rudolf Otto (2017) vamos certamente elucidar ainda mais os conceitos. Inicialmente, no capítulo 4, encontramos a questão: Mas, o que é, e como é, esse numinoso em si, objetivo, sentido fora de mim? Destarte, vamos encontrar inicialmente aquela questão, inserida no capítulo: o “Mysterium Tremendum”- (Aspectos do Numinoso II) e analisando a descrição de Otto, sobre o aspecto supra citado, ele infere que o mesmo é: “uma sensação que pode ser suave como maré a invadir nosso ânimo, num estado de espírito a pairar em profunda devoção meditativa. Pode passar para um estado d’alma, a fluir continuamente, em duradouro frêmito, até se desvanecer, deixando-a novamente no “profano”. Mas, também pode eclodir do fundo da alma em surtos e convulsões. Pode induzir estranhas excitações, inebriamento, delírio, êxtase. Tem suas formas selvagens e demoníacas. Pode decair para horror e estremecimento como que diante de uma assombração. Tem suas manifestações e estágios preliminares selvagens e bárbaros. Assim como também tem sua evolução para o refinado, purificado e transfigurado. Pode vir a ser o estremecimento e emudecimento da criatura a se humilhar, perante – bem, perante a quê? - Perante o que está contido no inefável “mistério” acima de toda criatura. Sobre o sentido de “sentimento” como relação pré-conceitual e supra-conceitual, mesmo assim cognitiva, com o objeto. Conceitualmente, mistério designa mais que o oculto, ou seja, o não: “evidente, apreendido, entendido, cotidiano”, sem designá-lo mais precisamente e segundo seu atributo, seu aspecto é positivo (OTTO, 2017. p.45)

Salientamos ainda, que no capítulo IV vamos encontrar: O aspecto “tremendum” (arrepiente): - é para começar uma caracterização positiva do que estamos tratando. O termo latino tremor em si, significa apenas medo ou temor - sentimento “natural” bastante conhecido. É uma designação bastante próxima daquilo a que estamos a referir, mas que não passa de uma analogia para uma reação emocional muito específica que se assemelha ao temor e permite que este dê uma pista dela, mas a reação em si é algo bem diferente de temer. Trata-se de um “temor” mais que temor. Exemplificando, “hig’ dîsh” significa “santificar”, em hebraico. “Santificar algo em seu coração” significa distingui-lo por sentimentos de receio peculiar, que não deve ser confundido com outros receios, e sim valorizá-lo pela categoria do numinoso. O Antigo testamento é rico em expressões paralelas para tal sentimento. Exemplificando, curiosa é: “emât Jahveh”, o “terror de Deus”, que Javé pode derramar ou mesmo enviar um demônio que paralisa as pessoas. Em Êxodo 23.27 encontramos: “Mandarei à tua frente um “terror de Deus”, que Javé pode derramar ou mesmo enviar, como que um demônio que paralisa as pessoas, que tem grande afinidade com o “deïma panikón” (pânico apavorado dos gregos). E ainda em Jó 9.34; 13.21. Trata-se de um terror impregnado de um assombro que nenhuma criatura, nem a mais ameaçadora e poderosa, pode incutir. Tem algo “fantasmagórico”. E para isso o grego criou o termo “sebastós” os cristãos antigos sabiam por sentimentos que o título “sebastós”, supra citado, não cabia a ninguém, nem ao imperador. O seu estágio preliminar é o receio “demoníaco” - pânico apavorado, e sua primeira sensação é a do inquietamente misterioso, irrompida pela primeira vez, emerge estranha e nova nos ânimos da humanidade primitiva e daí é que parte toda a evolução histórica religiosa e daí surgem as expressões: “fulano gelou”, “me arrepiei todo” e essas revelam a ocorrência de algo “sobrenatural”.

A sensação do numinoso em seus níveis mais elevados é muito diferente do mero receio demoníaco. Porém, mesmo nesse caso, ele não nega sua origem e afinidade (OTTO, 2017. p.49).

Tremor em latim significa medo ou temor que é um sentimento natural, é uma designação que se aproxima do que queremos referir com o atributo “tremendum”, mas que não passa de uma analogia para uma reação emocional muito específica. Assemelha-se ao temor e permite que este dê uma pista dela, mas a reação em si é algo bem diferente de temor, que em algumas línguas pode ser hiq’dîsh (santificar algo no seu coração), ou seja, equivale a distingui-lo por sentimentos de receio peculiar, que não deve ser confundido com outros receios, significa valorizá-lo pela categoria do numinoso. No antigo testamento tem-se expressões paralelas para esse sentimento, exemplo: “emât Jahveh, o terror de Deus”. Javé pode enviar um demônio que paralisa as pessoas, que tem afinidade com o “deïma panikón” dos gregos Cf. em Êxodo 23.27: “Mandarei à tua frente um terror de Deus, transtornando todos os povos aonde entrares”; e em Jó 9.34:13.21. Trata-se de um terror impregnado de um assombro que nenhuma criatura, nem a mais ameaçadora e poderosa, pode incutir. Tem algo de “fantasmagórico”. Para isso o grego possui o termo “sebastós”. Enfim, são esses alguns dos exemplos do “receio numinoso”. Notadamente, o aspecto do nune que causa o temor ou “tremor numinoso” é uma qualidade intrínseca, que desempenha papel importante nos textos sagrados e que por seu caráter enigmático e incompreensível, causou muita dificuldade aos intérpretes e mestres da fé: trata-se da orgç, a ira de Javé, que reaparece no Novo Testamento como “orgè theou” (OTTO,2017.p.50). O caráter estranho da “ira de Jave” sempre já chamou a atenção. Em primeiro lugar em algumas passagens do Antigo Testamento, é palpável que

essa ira originalmente nada tem a ver com qualidades morais. Ela “acende” e se manifesta de modo enigmático “como uma força natural oculta”, como se costuma dizer, como eletricidade acumulada, que se descarrega em quem dela se aproxima demais. Ela é imprevisível e arbitraria. Para quem só está habituado a conceber a divindade segundo seus atributos racionais, tal ira deve parecer capricho e paixão arbitraria, opinião esta que os devotos da Antiga Aliança, com certeza teriam repudiado veementemente; isso porque esse capricho arbitrario, de forma alguma lhes parece uma diminuição, mas expressão natural e elemento totalmente incontornável da própria “santidade”, e acontece que essa ira é nada menos que o próprio “tremendum”, que, totalmente irracional em si mesmo, ali é concebido e expresso mediante ingênua correspondência com algo do âmbito natural, isto é, do psiquismo humano; trata-se de uma correspondência sumamente drástica e certa que como tal sempre preserva seu valor e também para nós, é totalmente inevitável ao se exprimir o sentimento religioso. Não há dúvida alguma de que também o cristianismo tem algo a ensinar sobre a “ira de Deus” a despeito de Schleiermacher e Ritschl (OTTO, 2017.p.50).

## **2. O ASPECTO AVASSALADOR (“MAJESTAS”)**

Podemos resumir tudo o que foi desenvolvido até aqui sobre o “tremendum” como o ideograma “inacessibilidade absoluta”. Imediatamente se sente que, para esgotá-lo, é preciso acrescentar um aspecto: o do “poder”, “domínio”, “hegemonia”, “supremacia absoluta”. Para simbolizá-lo tomaremos o termo “majestas” que no latim significa: “majestade”, já que mesmo em nossa percepção linguística “majestade” ainda apresenta tênue conotação do numinoso. Uma forma mais completa de se reproduzir o aspecto “tremendum” do numinoso, então, é “tremenda majestas”. O aspecto majestas pode ficar vivamente preservado, quando o primeiro aspecto da inacessibilidade passa para o segundo plano, desaparecendo por completo, como pode ocorrer, por exemplo na mística. Sombra e reflexo subjetivo desse aspecto absolutamente avassalador, essa “majestas” é aquele “sentimento de criatura”, que contrasta com o “avassalador”, sentido objetivamente; trata-se da sensação de afundar, ser anulado, ser pó, cinza, nada, e que constitui a matéria prima numinosa para o sentimento de “humildade” religiosa (CF. Eckehart). Tem-se que voltar à expressão de Scheiermacher para esse aspecto: sensação de dependência. Crítica a ele toma como ponto de partida o que somente é reflexo e efeito, e também porque ele quer chegar ao objeto apenas por uma ilação a partir da sombra que o mesmo lança sobre a percepção. E ainda há um terceiro aspecto a contestar: Com “sentir-se dependente”, ele quer dizer “sentir-se condicionado”. Ele com coerência desenvolve esse aspecto da dependência em seus parágrafos referentes “Criação e Preservação”. Assim a contrapartida da “dependência” seria, então, no lado da divindade, a causalidade total, ou melhor seu caráter condicionador de tudo, só que este aspecto de forma alguma é o primeiro e mais direto, que constatamos ao verificar “o sentimento religioso” no momento da devoção. Esse aspecto não é algo numinoso, mas apenas seu “esquema”, ou seja: Schema. Não se trata de um aspecto irracional, mas faz parte do lado racional da ideia de Deus, e pode ser rigorosamente desenvolvido conceitualmente, tendo como origem uma fonte completamente diferente, já que aquela dependência expressa por Abraão não é a – condição de criado - ou seja: é “O estar condicionado, ser causado”. *Geschaffenheit*”, que equivale ao estar condicionado, ou seja, é a impotência perante a supremacia, é nulidade própria; a especulação apodera-se dessa majestas e do “ser: pó e cinza” e leva a uma série de noções bem diferente das ideias de criação e preservação. Majestas “é ser pó e cinza” levam, por um lado, à aniquilação (*annihilatio*) do si mesmo e, por outro lado, à realidade exclusiva e total do transcendente, como em certas formas da mística (OTTO, 2017. P.150)

## **3. O SAGRADO COMO CATEGORIA A PRIORI**

O Sagrado é uma categoria composta, apresenta componentes racionais e irracionais e contra todo o sensualismo e todo o evolucionismo, é preciso afirmar com todo o rigor que em ambos os aspectos se trata de uma categoria “estritamente a priori.” Por um lado, não há como fazer evoluir a partir de percepções sensoriais, as ideias racionais do absoluto, da perfeição, necessidade e essência, tampouco a noção do bem, como valor objetivo como validade normativa objetiva. Aqui somos despachados de toda e qualquer experiência sensorial, para aquilo que independentemente de toda e qualquer percepção, está implantado em “razão pura”, no próprio espírito como sua primeiríssima origem. Por outro lado, assim como as ideias racionais acima, os aspectos do numinoso e as sensações que a eles respondem, são ideias e sensações puras por excelência, sendo que as

características que Kant apresenta para os conceitos “puros” e para o sentimento “puro” do respeito (Achtung), a elas se aplicam com perfeita precisão, pois assim reza na famosa passagem introdutória na Crítica da Razão Pura:

Não há dúvida de que todo nosso conhecimento comece pela experiência. Afinal, de que maneira a capacidade cognitiva seria despertada para o seu exercício, não fosse pelos objetos a tangerem nossos sentidos (...)? Entretanto, mesmo que todo nosso conhecimento comece pela experiência, isso não implica que todo ele derive da experiência.  
(KANT, 2001)

E em relação ao próprio conhecimento empírico, ele distingue entre aquilo que recebemos mediante impressões sensoriais e aquilo que é acrescentado por uma capacidade cognitiva interior, e que apenas é desencadeado por impressões sensoriais.

Ele cita que é assim o numinoso, ele eclode do “fundo d’alma, da mais profunda base da psique, sem dúvida alguma nem antes, nem sem estímulo e provocação por condições e experiências sensoriais do mundo e sim nas mesmas e entre elas. Só que não emana delas, mas através delas”. A prova de que a sensação do numinoso consiste em elementos cognitivos estritamente apriorísticos, deve ser levada a cabo mediante auto-reflexão crítica. Nele encontramos convicções e sensações que se distinguem qualitativamente de tudo que a percepção sensorial natural consegue nos proporcionar. (OTTO, 2017)

Eles próprios não são percepções, mas estranhas “interpretações e avaliações” de dados sensoriais, passando então, em estágio mais elevado a definir objetos e entidades, cujas formas, ao que tudo indica, são produto da fantasia, porém com significados que em si não são tomados do mundo sensorialmente perceptível, mas que o pensamento acrescenta ele e acima dele. Não sendo em si percepções sensoriais, tampouco são “transformações” de percepções sensoriais, já que a única transformação possível seria a transição das percepções visualizáveis concretas para a forma abstrata do pensamento, mas nunca a transformação de uma classe de percepções de uma classe de realidade qualitativamente outra. Como já é o caso nos “conceitos puros da razão” de Kant e nas ideias e valorações morais e estéticas, as convicções e sensações aqui em pauta remetem para uma fonte oculta e autônoma da formação de noções (Vorstellung) e sensações (Gefühl), fonte esta que é independente da experiência sensorial e se encontra na própria psique. Ou seja, essas convicções e sensações apontam para uma “razão pura” no mais profundo sentido, que pela exuberância de seus teores também deve ser distinguida da razão teórica pura e da razão prática de Kant, sendo ainda mais elevada ou profunda. Nós a chamamos de fundo d’alma. Ele argumentando assim se expressa: A teoria evolucionista de hoje tem o direito de explicar o fenômeno “religião”, pois é tarefa da ciência da religião, mas para isto é preciso não partir do nada, e sim ter um ponto de partida. A Natureza só se pode explicar com base em forças fundamentais naturais já dadas, cujas leis é preciso buscar, explicá-lo não faz sentido. Ele afirma que então que no plano mental, ele é o primeiro a partir do qual se apresenta a explicação, ou seja, é o próprio espírito humano (Geist), com suas características, forças e leis; é preciso pressupor o espírito humano, o qual em si mesmo não pode ser explicado porque não se sabe como fazê-lo. Mas, há uma fonte e a chamamos de potencial oculto do espírito humano, que acaba sendo despertado por estímulos e dessa movimentação, e essa busca interior vai levar ao surgimento da religião na história (OTTO, 2017, p.154).

Entretanto, segundo a opinião de Greschat, a religião não se deixa desmontar tão facilmente. Greschat disserta em sua obra sobre os passos dados por Otto até chegar a sua obra e a critica, posto que, na opinião dele ao autor deveria procurar caminhos indiretos (GRESCHAT, 2005, P. 112). Mas Otto especifica o problema dizendo: “que muitos entendem mal - o sagrado - ao confundi-lo com o termo: totalmente bom. Posto que, para OTTO o termo designa o lado irracional de Deus, ele se refere ao sagrado despido de seus aspectos racionais e morais, sendo que a sobra é o numinoso. Este não é compreendido de forma racional, tampouco, se pode defini-lo. Se pode falar sobre ele, ou melhor: “despertá-lo nos sentimentos”. Baseado nesse conceito, ele vai levantar as características do sagrado e vai listar todos os aspectos que estão compreendidos na experiência religiosa. E a partir dessa análise ele formula um padrão a seguir, ou seja, nessa ordem: o numinoso está vivo em todas as religiões. Quem quiser conhecê-lo deve experimentá-lo, e quem o experimenta vai conhecê-lo. Melhor dizendo, ele afirma que o numinoso é percebido apenas no espelho das sensações numinosas. Resumindo: estudando seu material, Rudolf Otto descobriu que o numinoso está aberto para a experimentação. Sua análise mostrou os constituintes de qualquer experiência religiosa. Com base nisso, o pesquisador deduziu um padrão caracterizado da seguinte maneira: primeiro, o numinoso está vivo em todas religiões; segundo, quem quer conhecê-lo deve experimentá-lo. O caminho inverso também vale: todo aquele que experimenta o numinoso necessariamente o conhece. Em outras palavras: percebemos o numinoso apenas no espelho das sensações numinosas. Dessa forma, Rudolf Otto resolveu seu problemas e concluiu sua teoria.

Para tornar esse teoria manejável, Otto seguindo os passos supracitados vai rever sua teoria e completá-la resolvendo seu problema. E como precisava de um fator aglutinante, foi encontrá-lo na filosofia de Immanuel Kant, se apropriando do termo “a priori” e dizendo que o mesmo é aplicado para momentos racionais e também para os irracionais. (OTTO, 2017, p.150) Ele, afirma que todo o conhecimento nasce das experiências e que o “a priori” não nasce das mesmas, e assim caracterizou a sensação numinosa como sendo “a priori”. Destarte, ele chega a conclusão “que as experiências sensoriais são estímulos, que fazem com que a sensação do numinoso, venha a desabrochar no fundo da alma”. A afirmativa que a sensação depende das experiências é verdadeira, mas não é verdade que a sensação tenha sua origem na experiência. Portanto, a sensação do numinoso não é dedutível de nenhuma outra sensação, já que ela é primordial e qualitativamente original. Isto posto, Otto revisa sua teoria e se apropriando de um fator aglutinante da psicologia, que é a “lei da associação de emoções, em que sensação “X” evoca em nós a sensação “Y”, ou seja, as sensações semelhantes se atraem, ele alcança seu objetivo, ou melhor, ao evento esperado que é a prova cabal do sucesso de sua teoria, que culmina na Conclusão: “A sensação do numinoso desperta sensações semelhantes em nós: inversamente, há sensações, que podem estimular a sensação primordial do numinoso em nós”.

Assim, passou-se aos testes, que comprovaram a eficácia da teoria. Foi feita uma experiência (GRESCHAT, pag. 111), por ingleses cientistas da educação da Universidade de Durhan, para testar na prática a teoria de OTTO, sobre o despertar do numinoso em alunos, a partir de estímulos com cartazes, filmes, músicas e etc. O resultado provou a hipótese de Otto, pois houve o despertar religioso. Destarte, ele constatou que a sensação nasce da experiência, mas não se origina dela. Essa sensação não é dedutível de nenhuma outra sensação, em experiências posteriores com estudantes não religiosos. Para estimular ele usou filmes, fotos, músicas e visita à Catedral de Durhan e obteve resultados, que provaram sua hipótese: “É possível sim despertar sensações religiosas”. Como a maioria dos teóricos, ele aperfeiçoou sua teoria, por chamar a atenção para fatos adicionais, aos quais se aproximou partindo de uma abordagem mais elaborada. Em assim sendo ele foi juntando vários apêndices às novas edições do “Sagrado” e aprimorou sua obra.

#### 4. CRÍTICA FEITA POR GRESCHAT

Há problemas em OTTO, que precisam ser discutidos. Há influência luterana muito forte, quanto à tradição luterana e há um Deus dual que perdoa e que condena, que se revela e que se esconde. Ele se opõe ao racionalismo que domina tanto a teologia quanto a Ciência da Religião. Deus é caracterizado como: “espírito, razão ou vontade” - esses são predicados definíveis e é nesse sentido que Deus é qualificado como algo racional. Mas, Otto afirma: “Todavia, se os predicados racionais estivessem geralmente em primeiro plano, não poderiam esgotar a ideia da divindade, pois se referem precisamente a um elemento que não é racional. Ele faz muitas menções ao antigo testamento, cita muito “Kant” e o “a priori”. Nota-se muito frequentemente em OTTO, a influência da tradição luterana, pois ele tirou seu material de estudo da Bíblia e de Martim Lutero - fontes nas quais não se perdem os teólogos cristãos. Ele se muniu de material já conhecido e selecionou os mais apropriados para alimentar suas ideias, e enfim sua hipótese. Em sendo o seu ponto de partida, a seguinte pergunta: - Como é possível compreender o lado irracional da divindade? E ele finalmente chegou à resposta, ou seja, resposta cabível (por meio da experiência), mas nunca a transformação de “uma classe de percepções em uma classe de realidade qualitativamente “outra”. Como já é o caso nos “conceitos puros da razão de Kant e nas ideias e valorações morais e estéticas. As convicções e sensações em pauta remetem para uma fonte que é independente da experiência sensorial e se encontra na psique - daí apontam para uma “razão pura” que pela exuberância dos seus teores também deve ser distinguida da razão teórica pura e da razão prática pura de Kant, sendo mais elevada ou profunda: Nós a chamamos de fundo d’alma”, mas nunca a transformação de uma classe de percepções em uma classe de realidade qualitativamente “outra”.

Entretanto, quanto ao objeto “religião”, essa resposta não é animadora, pois para ele a formulação da teoria é infantil, pois se assemelha a um brinquedo de criança, que desmancha o brinquedo para ver como o mesmo funciona. Ele está claramente, criticando Otto quanto a sua teoria. Portanto, segundo a opinião de “Greschat” a religião não se deixa desmontar tão facilmente, e o autor deveria procurar caminhos indiretos (GRESCHAT, 2005, P.112). Mas, Otto especifica o problema dizendo: “que muitos entendem mal - o sagrado - ao confundi-lo com o termo: totalmente bom”. Posto que, para OTTO o termo designa o lado irracional de Deus, ele se refere ao sagrado despido de seus aspectos racionais e morais, sendo que a sobra é o numinoso. Este não é compreendido de forma racional, tampouco, se pode defini-lo. Se pode falar sobre ele, ou melhor: “despertá-lo nos sentimentos”. Baseado nesse conceito ele vai levantar as características do sagrado e vai listar



todos os aspectos que estão compreendidos na experiência religiosa. E a partir dessa análise ele formula um padrão a seguir, ou seja, nessa ordem: o numinoso está vivo em todas as religiões, quem quiser conhecê-lo deve experimentá-lo, e quem o experimenta vai conhecê-lo. Melhor dizendo ele afirma que o numinoso é percebido apenas no espelho das sensações numinosas. E assim completa sua teoria resolvendo seu problema. E como precisava de um fator aglutinante, foi encontrá-lo na filosofia de Immanuel Kant, se apropriando do termo “a priori” e dizendo que o mesmo é aplicado para momentos racionais e também para os irracionais. Ele, afirma que todo o conhecimento nasce das experiências e que o “a priori” não nasce desta e assim caracterizou a sensação numinosa com sendo “a priori”.

Destarte, conclui que as experiências sensoriais são estímulos, que fazem com que a sensação do numinoso, venha a desabrochar no fundo da alma. A afirmativa que a sensação depende das experiências é verdadeira, mas não é verdade que a sensação tenha sua origem na experiência. Portanto, a sensação do numinoso não é dedutível de nenhuma outra sensação, já que ela é primordial e qualitativamente original e aqui OTTO se apropria de um fator aglutinante da psicologia, que é a “lei da associação de emoções, em que sensação “X” evoca em nós a sensação “Y”, ou seja, a sensações semelhantes se atraem.

O resultado provou a hipótese de Otto, pois houve o despertar religioso que domina tanto a teologia quanto a Ciência da Religião. Deus é caracterizado como: “espírito, razão ou vontade” - esses são predicados definíveis e é nesse sentido que Deus é qualificado como algo racional. Mas, Otto afirma: “Todavia, se os predicados racionais estivessem geralmente em primeiro plano, não poderiam esgotar a ideia da divindade, pois se referem precisamente a um elemento que não é racional. Ele faz muitas menções ao antigo testamento, cita muito “Kant” e o “a priori”. Ele se muniu de material já conhecido e selecionou os mais apropriados para alimentar suas ideias, e enfim sua hipótese. Em sendo o seu ponto de partida, a seguinte pergunta: - Como é possível compreender o lado irracional da divindade? E ele finalmente chegou à resposta: por meio da experiência (GRESCHAT, 2005. P.113).

## **5. A CONTRIBUIÇÃO DA OBRA DE ELÍADE PARA O ENTENDIMENTO DO SAGRADO**

O Espaço sagrado não é homogêneo para o homem religioso, ele apresenta roturas, quebras, porções de espaço qualitativamente diferentes das outras: “Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés: tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa”. (Êxodo, 3:5). Há, portanto um espaço sagrado e por consequência “forte, significativo”, e há outros espaços não sagrados, e por consequência, em suma, amorfos. Mais ainda para o homem religioso essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado - o único que é real, que existe realmente - e todo o resto, a extensão informe que o cerca. É preciso dizer desde já, que a experiência religiosa da não homogeneidade do espaço, constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma “fundação do mundo”. Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária, que precede toda a reflexão sobre o mundo, porque é ela que descobre o “ponto fixo”, o eixo central de toda a orientação futura. Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não-realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma orientação pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo”, absoluto, um “centro” (Eliade, pág 26). É por essa razão que o homem religioso sempre se esforçou por estabelecer-se no “Centro do mundo”, porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia - e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo. É por essa razão que o homem religioso sempre se esforçou por estabelecer-se no “centro do mundo”.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, podemos afirmar que ambos os autores, são de suma importância nos estudos religiosos. Neste sentido, notadamente as duas obras são famosas e muito conhecidas. Elas permeiam e têm muita influência no meio religioso. Dessa forma, podemos dizer que é inegável, a grande contribuição das mesmas no estudo da religiosidade através do tempo, elas são ícones da Ciência da Religião. Além do mais, podemos dizer, que mesmo existindo críticas quanto às obras de Otto e Eliade, é inegável o grande valor contributivo, que essas obras têm com relação ao “Sagrado”.

Assim, cabe destacar que apesar de evidentes discussões críticas internas aos estudos da religião, serem pertinentes tanto no que se refere à obra de Rudolf Otto quanto à de Mircea Eliade, também não é possível deixar de perceber contribuições úteis particularmente para a discussão sobre literatura e sagrado. Cabe destacar, em primeiro lugar, a conceituação de sagrado proposta por cada um destes autores. Utilizar o conceito de sagrado que eles desenvolveram, permite uma clarificação em meio a usos por vezes pouco precisos, que se encontram em estudos literários, que tematizam a religião. É claro que também tal utilização precisa ser feita com consciência, pois os conceitos pressupõem suas respectivas concepções de fundo.

Em segundo lugar, é notório que ambos utilizam o conceito de sagrado de uma forma que visa transcender tradições religiosas e culturais particulares. Apesar de críticas atuais muitas vezes negarem o sucesso desta pretensão, verifica-se que estas críticas não atentam para um aspecto fundamental – a intenção de ambos está na busca de superação de limites tradicionais.

## REFERENCIAS

BENDA, Julien. **O pensamento Vivo de Kant**. (tradução de Wilson Veloso). Livraria Martins Editora S.A. São Paulo.

BRANDT, Hermann in OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Tradução Walter O. Schlupp. 4ª. ed. São Leopoldo: Sinodal. Petrópolis. Editora Vozes, 2017

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 19--.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. (Tradução de Rogério Fernandes). 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. DIVERSOS

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciencia da Religião?**. Tradução Frank Usars. ed. Paulinas, 2005.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Tradução Walter O. Schlupp. 4ª. ed. São Leopoldo: Sinodal. Petrópolis. Editora Vozes, 2017